

Novas abordagens psicanalíticas na “pós-modernidade”*

New psychoanalytical approaches in “post-modernity”

Gabriel Almeida Assumpçãoⁱ

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais,
Belo Horizonte – MG, Brasil.



Resumo

O presente artigo se inicia com uma breve introdução à problemática da “pós-modernidade”, com base em textos de Zygmunt Bauman, Anthony Giddens, David Harvey e Krishan Kumar. Após delinear alguns traços culturais da mesma – destacando complexa relação entre corpo e identidade, o autor relaciona essas profundas modificações culturais com novos enfoques na teoria psicanalítica. Estes, por sua vez, são aduzidos da literatura recente, tanto brasileira quanto francesa. Especial atenção é conferida à noção de “modelo da melancolia” e à de “segundo tempo” na investigação psicopatológica psicanalítica, enquanto novas posturas diante dos desafios que a clínica psicanalítica enfrenta. Ressalta-se a importância de um trabalho interdisciplinar sério nesse sentido, para compreender melhor as modalidades contemporâneas de sofrimento psíquico. Na conclusão, chama-se a atenção para que os psicanalistas levem em conta as mudanças culturais em andamento sem, no entanto, ceder ao relativismo “pós-moderno” e nem abandonar o projeto metapsicológico freudiano, de modo a elaborar uma teorização que não seja separada dos problemas atuais, mas que ao mesmo tempo não caia nos modismos da contemporaneidade.

Palavras-chave: corpo, modelo da melancolia, pós-modernidade, segundo tempo.

Abstract

The present paper begins with a brief introduction to the theme of “post modernity”, based in sociological writings from Zygmunt Bauman, Anthony Giddens, David Harvey and Krishan Kumar. After an outline of some cultural features of post-modernity, highlighting the complex connection between body and identity, the author relates such deep cultural transformations with new points of view in the psychoanalytical theory, which were adduced from recent literature – Brazilian and French alike. The account focuses on conceptions such as the melancholia model and the “second time” in psychopathological investigation by psychoanalysts. The importance of some serious interdisciplinary work is discussed. In the conclusion, there is a warning to psychoanalysis: it is important to be aware of the cultural changes taking place in late modernity – what does not imply an adoption of the post-modern relativism, thereby leaving the Freudian metapsychological project.

Key-words: body, melancholia model, post-modernity, second time.

* Dedico este trabalho ao Gustavo e à Ana Carolina. Agradeço pela interlocução exigente e pela confiança nesses bons anos de convívio.

Tema conturbado e alvo das mais variadas abordagens sociológicas e filosóficas, uma denominação precisa sobre o momento histórico no qual nos encontramos gera um debate que está distante de um consenso. A pluralidade de visões sobre o tema, todavia, longe de ser motivo para nos afastarmos de uma investigação, aponta para seu caráter complexo e nos convida ao recurso a mais de um campo teórico para que o exame seja mais refinado¹.

O que pretendemos, com o presente trabalho, é demarcar um contexto histórico – a “pós-modernidade” – e nele pontuar algumas formas de mal-estar que têm ganhado destaque na literatura psicanalítica contemporânea. Por isso, nesse trabalho iremos recorrer a teóricos tanto da psicanálise quanto da sociologia, com intuito de pensar como a psicanálise se situa diante da “pós-modernidade”².

Inicialmente, a discussão será centrada em sociólogos e em torno da modernidade e da “pós-modernidade”.

¹ Segundo o sociólogo Anthony Giddens, o caráter “reflexivo” (de constante reinvenção e autoquestionamento) da modernidade é algo que dificulta seu estudo. A respeito, Cf. Giddens, A. (1990/1990). *Consecuencias de la modernidad*. (A. L. Ramón, Trad.). Madrid: Alianza. Dada a abrangência do tema, permitimo-nos remeter a uma bibliografia auxiliar: Kumar, K. (1995/2006). *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. (R. Jungmann, Trad), 2. ed. ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

² O uso de “pós-modernidade” entre aspas é para expressarmos a falta de consenso sobre o momento sócio-histórico em que vivemos, e para mostrar que não concordamos que o termo é o mais adequado para descrever o momento atual. Só uma vez ele é utilizado sem aspas, e com sentido evidente. A escolha desse termo não se deve ao arbítrio do autor, e sim ao fato de que é o termo mais utilizado na literatura psicanalítica selecionada para o presente trabalho. Como diz Kumar (1995/2006), há muitos outros termos em jogo (Giddens utiliza, por exemplo, “modernidade radicalizada”; e Beck, “modernização reflexiva”). Uma crítica contundente ao uso do termo “pós-modernidade” está em Giddens, A. (1990/1990). *op cit.*, especialmente, pp. 52-54. Para Giddens, usar esse termo é ir contra uma das premissas fundamentais do pensamento pós-moderno, ou seja, atribuir ordem histórica à realidade com o uso do prefixo “pós” é não seguir a pretensão a-histórica dos pensadores pós-modernos.

Em seguida, trabalharemos a temática da identidade enquanto uma difícil conquista que se é exigida do indivíduo – pelos outros e por ele próprio – nas sociedades contemporâneas. Em sequência, recorreremos a teóricos psicanalistas para discutir as formas de lidar com o corpo na “pós-modernidade”. Finalmente, seguiremos com uma discussão sobre os rumos de pesquisas psicanalíticas com enfoque nas “psicopatologias da contemporaneidade”³, articulando-as com a conjuntura “pós-moderna”. A psicanálise se desenvolve no bojo da cultura e, diante de tempos de tanta mudança como os atuais, o próprio caráter da clínica psicanalítica tem mudado. Temos, por exemplo, o que Ribeiro (2004) considera a tese central de um de seus escritos:

Algumas das chamadas psicopatologias da contemporaneidade resultam de novas modalidades do retorno do recalado que se caracterizam, principalmente, por uma tendência à despersonalização e à conversão somática, em que o caráter fragmentador e desorganizador das exigências pulsionais encontram menos recursos de simbolização e circunscrição do que aqueles disponíveis nas neuroses clássicas (Ribeiro, 2004, p. 108).

Endossamos essa tese e veremos como é corroborada por escritos de outros psicanalistas para refletir como se situa a psicanálise diante dos impasses trazidos pela clínica na contemporaneidade, chamada de tantos

³ Essa noção de que tais doenças são “contemporâneas” é criticada por Carvalho, Maria Teresa Mello (2004). Sobre o alcance e os limites do recalamento nas chamadas “psicopatologias da contemporaneidade”. Em: M. R. Cardoso (org.). *Limites* (pp. 151-165). São Paulo: Escuta; principalmente pp. 154-158. A psicanalista defende que toda psicopatologia, enquanto investigada por um teórico em um dado tempo, é contemporânea, uma vez que carrega consigo características do referido tempo. Nessa medida, a histeria, por exemplo, era “contemporânea” para Freud. Usaremos o termo entre aspas para ressaltar a nota crítica do texto de Carvalho.

nomes: pós-modernidade, modernidade tardia, entre outros.

Queremos defender que as sociedades contemporâneas têm passado por mudanças tão complexas que é importante mais de um campo do saber para que se tenha um entendimento teórico mais rigoroso das mesmas (“dar conta” é muito coloquial para mim) – daí aduzirmos teóricos das ciências sociais e da filosofia para um artigo de psicanálise. O trabalho é simples e apenas panorâmico, convidando a uma aprofundamento das discussões e a uma reflexão mais séria sobre o tema. Consideramos que, antes disso, temos que esclarecer, ainda que de forma introdutória e rudimentar, o que é a modernidade e o que é a “pós-modernidade”.

Modernidade e “pós-modernidade”: demarcação sociológica

O que significa Modernidade? Para Kumar (1995/2006), é uma designação abrangente de modificações intelectuais e sociopolíticas que engendraram o mundo moderno. É diferente do modernismo, movimento cultural ocidental de fins de século XIX⁴. Passa a haver, na modernidade, primazia do presente e do futuro em relação ao passado, atitude que Kumar relaciona com a teleologia implícita no cristianismo, direcionado ao futuro, ao segundo Advento. A era moderna, que se ramifica do século XVII ao presente, é marcada por modos de vida e de organização social surgidos na Europa, como nos diz Giddens (1990/1990).

⁴ Essa diferenciação é bem tratada em Harvey, D. (1989/2008). *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. (A. U. Sobral, & M. E. Gonçalves, Trans.) 17. ed. São Paulo: Loyola, pp. 21-44. Esse trabalho articula, com alto grau de competência, as mudanças econômicas e estéticas na pós-modernidade. Conferir também Kumar (1995/2006, pp. 123-131).

Entre essas mudanças, temos o desenvolvimento sem precedentes da racionalidade tecnocientífica, cuja repercussão sobre o psiquismo humano é poderosa, como nos aponta Herrero (1999). Giddens (1990) e Kumar (1995/2006) observam várias características marcantes: ideais de progresso e de crença no poder da ciência e da intervenção do homem; as revoluções políticas, científicas e industriais; as filosofias da história e seus ideais de progresso; o gradual distanciamento em relação à tradição. Giddens pontua, ainda, em seu texto de 1990, que a modernidade é um fenômeno tipicamente ocidental, notável por seus complexos institucionais: estado nação e produção capitalista sistemática.

As concepções de “pós-modernidade”, por sua vez, são oriundas do pós-estruturalismo francês, especialmente da pena de Lyotard. Giddens (1990) propõe, enquanto designação alternativa para o tempo em que vivemos, o termo “modernidade radicalizada”, na qual o *Juggernaut* é o mito por ele escolhido para retratar essa época. Essa figura mitológica – retratada por uma torre móvel hindu que sustenta a cabeça de Krishna e sob o qual devotos se lançam e são esmagados – foi escolhida porque transmite a ideia de uma poderosa máquina que só podemos manipular até certo ponto, ameaçando escapar ao nosso controle. Aparenta ser firme às vezes e *imprevisível em outras ocasiões*. Zygmunt Bauman (2000/2001), sociólogo polonês, aprecia essa metáfora do seu colega e diz que ela pode ser estendida ao avanço irrefreável da globalização.

Podemos traçar certo paralelo entre o *Juggernaut* de Giddens com o termo utilizado por Bauman para descrever nosso tempo: “modernidade líquida”, em alusão à incerteza e à fluidez das relações contemporâneas. Ambos os sociólogos enfatizam um clima de mudanças velozes e de difícil apreensão conceitual.

Na “pós-modernidade”, para Kumar (1995/2006), unem-se as ideias de cultura, sociedade, economia e política, promovendo-se o pensamento das diferenças de forma dispersa e confusa. A relevância e o interesse da teorização sobre a “pós-modernidade”, para o autor, residem na possibilidade de uma discussão ampla sobre direção futura das sociedades industriais contemporâneas – e pretendemos seguir uma linha semelhante no presente trabalho, uma vez que o psiquismo é indissociável da cultura e da sociedade nas quais se encontra presente.

Ora, é plausível afirmar isso pelo simples fato de que é somente enquanto membro de uma sociedade, capaz de fazer *parte* de uma cultura, que o sujeito aprende a falar (aprendizado esse que é fundamental para a prática psicanalítica – antes disso, até mesmo para que possamos *falar* da possibilidade de uma *práxis* psicanalítica). Longe de cairmos em um reducionismo culturalista, o que enfatizamos aqui é que mudanças sócio-culturais atravessam os sujeitos em suas formas de lidarem com a linguagem e, portanto, *podem interferir* na forma de entrada e permanência no mundo da cultura. Esse ingresso no mundo da cultura pela via da linguagem é muito importante para a psicanálise, principalmente com Lacan e sua ideia do nome-do-pai (Dufour, 2005; Lebrun, 2004).

Retomando a sociologia, para Bauman (2000/2001), em *Modernidade Líquida*, a modernidade se inicia quando da cisão do espaço e do tempo entre si e em relação à vida; sendo elaborados distintamente e mutuamente independentes da ação. Tais dissociações geram ambiguidades (civilização/barbárie, por exemplo) e surge, em meio a esse turbilhão, o inclassificável.

O psicanalista Figueiredo (2003), por sua vez, defende que a modernidade fracassa em conter o ambíguo, o incerto e o contingente, os quais mostram como o

período moderno é exposto ao traumático. Por mais que discordemos⁵, esse enfoque no trauma será bem importante nas páginas que seguem, mas antes, determos-nos na questão da identidade. A ideia é mostrar que as relações de identidade tiveram mudanças consideráveis em decorrência dos novos tempos para, depois, mostrar como isso afeta a clínica psicanalítica, finalizando com um convite a estender essas reflexões a novos níveis.

Identidade – interpolação psicanalítica

O leitor mais atento pode se espantar à primeira vista com uma seção com o título “identidade” em um artigo que se propõe de cunho psicanalítico. De fato, a ideia de identidade é criticada por Freud, principalmente devido às suas noções de Eu (ou “ego”) e de inconsciente, as quais nos remetem ao descentramento do sujeito (a) em relação ao próprio Eu e (b) em relação à consciência. Conforme bem pontua Birman (2003), o Eu não é, em Freud, o único lugar da identidade.

O próprio Freud, movido pelo seu ímpeto iluminista, buscava resgatar a unidade perdida no âmbito da subjetividade por meio da retomada do inconsciente pelo eu, instância psíquica de autoconservação e de acesso à verdade e à objetividade. Ainda de acordo com Birman (2003), o conceito freudiano de narcisismo é base para argumentar que o eu não é mais via

⁵ O tema do trauma será retomado na quarta sessão, abaixo. A abrangência de caracterizações da modernidade nos serve de alerta para não pensarmos a modernidade unicamente como o “reinado do sujeito” (tal como na leitura heideggeriana), “o triunfo do indivíduo” (como fez o grande antropólogo Louis Dumont). Para uma crítica às leituras unilaterais da modernidade, ver “Renaut, A (1989/2000). *A era do indivíduo: contributo para uma história da subjectividade*. (M. R. B. Reis, Trad.) Lisboa: Instituto Piaget, principalmente. 18-104”. As expressões entre aspas nessa nota são de Renaut.

segura para a identidade, pois é também libidinal e submetido às ilusões de desejo e de onipotência, de modo que a identidade é tomada como ficção (imagem), e não enquanto unidade.

Entretanto, Birman também ressalta que o tema da identidade é um problema teórico crucial que perpassa as ciências humanas e se inscreve nos registros social e político (por exemplo, no caso dos conflitos étnicos). O mesmo autor defende que a psicanálise, enquanto discurso sobre a subjetividade, não pode se furtar desse debate, isentando-se do “imperativo ético e político” (Birman, 2003, p. 12). Dessa forma, justificamos nosso recurso à sociologia para discutirmos o tema da identidade – tão relevante para se pensar as sociedades “pós-modernas”.

Giddens (1990) aponta que a reflexividade moderna, sua constante revisão e reordenamento frequente se aplicam ao próprio eu do sujeito, o que se traduz na noção de “segurança ontológica”: segurança do próprio ser, em meio a um mundo em rápida e irrefreável mudança. Tais modificações se traduzem, por exemplo, no desenraizamento da tradição. Sobre este, podemos dizer que um de seus desdobramentos é o desafio de inventar a si próprio sem grandes vínculos com uma comunidade e com as verdades transmitidas, as quais não apresentam o mesmo impacto que exibiam nas sociedades pré-modernas. Sem o amparo da tradição enquanto rede de segurança, ocorre um refluxo para o indivíduo, de forma bem análoga ao que ocorre quando os psicanalistas falam de refluxo de libido ao eu em decorrência de frustração (teoria da libido – Freud, 1978b)⁶.

⁶ Poderíamos dizer que, na psicanálise, a tradição – principalmente no que diz respeito a códigos morais e religiosos – é como que internalizada por uma instância psíquica, o Supereu (ou “Superego”). Guardamos, no entanto, as devidas diferenças, já que a noção de “internalização” não é amplamente aceita nas ciências sociais e o enfoque metodológico-antropológico destas é outro que o nosso.

A modernidade promove, para Giddens (1990), auto-realização como algo essencial para a constituição da identidade, a qual está para a “política da vida” assim como as noções de justiça e de igualdade estão para as políticas emancipatórias. Para Bauman (2000/2001), a “política-vida” caracteriza-nos enquanto “seres reflexivos”, de forma que raramente nos satisfazemos com nossas ações e buscamos sempre a autocorreção.

Isso nos remete à psicanálise. Desde Freud, temos a ideia de que a realização pessoal nunca é plena, uma vez que a realização do desejo nunca é plena⁷ – devido ao caráter insaciável da pulsão. A psicanálise se mostra, dessa forma, instrumento de crítica ao sujeito “pós-moderno”. Essa afirmação mostra-se mais nítida quando, retomando o que dizemos sobre os tempos atuais, vemos que, na “pós-modernidade”, é forte a transmissão da ideia de que o sujeito pode se realizar plenamente através do cultivo de sua imagem, da posse de coisas materiais, do usufruto desses bens e de outras pessoas. Ora, o referencial psicanalítico nos permite criticar justamente esse tipo de postura, que se mostra ilusória porque a realização dos desejos não cessa, mesmo tendo sido todas essas coisas adquiridas. Dessa forma, mais do que se ater a uma descrição fenomenológica das diferentes formas de subjetivação, a psicanálise é crítica das mesmas – pelo caráter fortemente narcísico – quando não perverso – destas.

Bauman (2003/2004) ainda sugere que, do mesmo modo que tratamos as mercadorias visando unicamente à satisfação pessoal (estando, inclusive, dispostos a trocá-las assim que surgir algo mais novo ou interessante), procedemos de maneira instrumental em nossos relacionamentos. Em seus termos: “Os

⁷ Tema já abordado ao longo da história da literatura e da filosofia (basta mencionar os nomes de Platão, Shakespeare, Hegel, Feuerbach), mas ao qual a psicanálise deu um enfoque clínico e hermenêutico.

contatos exigem menos tempo e esforço para serem estabelecidos, e também para serem rompidos. *A distância não é um obstáculo para se entrar em contato – mas entrar em contato não é obstáculo para se permanecer à parte*” (Bauman, 2003/2004, p. 82 [grifo do autor]).

Com um olhar agudo sobre os tempos que chama de “líquidos”, o sociólogo polonês afirma que, aos olhos do indivíduo, o espaço público é como um espetáculo cinematográfico⁸:

Para o indivíduo, o espaço público não é muito mais que uma tela gigante em que as aflições privadas são projetadas sem cessar, sem deixarem de ser privadas ou adquirirem novas qualidades coletivas no processo da ampliação: o espaço público é onde se faz a confissão de segredos e intimidades privadas. (Bauman, 2000/2001, p. 49).

Para Bauman (2000/2001), não se discutem mais temas públicos com tanto interesse, e sim questões privadas. Uma “mancha” na vida *pessoal* de um candidato a um cargo político, por exemplo, pode causar mais dano para a sua imagem *profissional* do que sua posição em relação à pena de morte ou do que seu silêncio diante da violação de direitos humanos.

Somado à essa conjuntura, vivemos, para Bauman (2000/2001; 2003/2004) uma época de oportunidades, diante do número elevado de possibilidades, a fluidez prevalece. Temos, ainda, a autoajuda, a qual incentiva o indivíduo a cuidar de si e só *de si mesmo*, sendo o outro meramente algo a conquistar ou a se superar. Tais posturas parecem endossar uma célebre tese de David Harvey (1989/2008): na “pós-modernidade”, a estética é enfatizada em

⁸ Ideias bem semelhantes já se encontram em Lasch, Christopher (1979/1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. (Ernani Pavanelli, Trad.). Rio de Janeiro: Imago, particularmente p. 58-73. Esse sociólogo é um famoso teórico a quem Bauman recorre.

detrimento da ética. Retomando a psicanálise, mas sem tirar de vista a sociologia, vejamos o que expõe Maria Teresa Carvalho (2004), a qual aponta que Birman recorre a alguns autores, entre os quais Lasch e Débord, para discutir o estilo de ser “pós-moderno”. Há um notável “culto da exterioridade”, exaltação do eu e estetização da vida – retomando o que dissemos da psicanálise enquanto instrumento de crítica do sujeito “pós-moderno”. Diante de tais imperativos, o fracasso culmina, em parte, nas patologias de hoje: somatização e transtornos alimentares, por exemplo. Nota-se grande apego paralelo à rejeição do corpo. Tais considerações apresentam, no mínimo, dois desdobramentos: a reflexão sobre o sofrimento do indivíduo e a problematização acerca da universalidade do *aparelho psíquico*⁹.

Corpo e cultura: limites¹⁰

O aparelho psíquico, invenção da metapsicologia freudiana, é um *aparelho hermenêutico*, nas palavras de Pinheiro e Verztman (2003). Para exemplificar essa hipótese, temos a fantasia histórica: pôr-se no lugar do outro para saber o que deseja, imagina e quer, atribuindo-se ao objeto subjetividade semelhante à própria. Os mesmos autores defendem que o referido aparelho conta com duas premissas fundamentais: (a) o homem fala; (b) o ser humano é dotado de sexualidade.

A sexualidade, por sua vez, se refere ao corpo e à linguagem. E corpo, em psicanálise, é, de acordo com os autores acima (Pinheiro; Vreztman, 2003): (a) concepção contra-intuitiva – pode ser

⁹ Ver o brilhante artigo de Joel Birman (2001), Subjetividades contemporâneas. *Psychê* (São Paulo), 7, ano V, 151-159.

¹⁰ Nesse subtítulo, aludimos às instigantes primeiras páginas escritas por Marta Rezende Cardoso num livro do qual é organizadora e do qual nos servimos para esse artigo: M. R. Cardoso (org.) (2004). *Limites*. São Paulo: Escuta; p. 7-11 (Apresentação).

fantasmático, linguístico ou sexual (uso diferente daqueles do senso comum e das ciências em geral). Além disso, é (b) uma ideia paradoxal e fronteira – não é o corpo da medicina ou da biologia. Usa-se de conceitos fronteiros como o de pulsão (efeito do corpo na vida psíquica)¹¹.

Pretendemos discutir, nessa sessão, o corpo na cultura “pós-moderna” para, em seguida, falarmos do corpo nas chamadas “psicopatologias da contemporaneidade”. Compete lembrar, como Costa (2004) e Dufour (2003/2005), que a discussão nos textos sobre psicanálise e cultura se referem, em geral, especificamente a segmentos de classe média alta e alta, o que nos obriga a matizar nosso enfoque e chamar a atenção para potenciais estudos sobre o tema nas populações mais desfavorecidas economicamente no Brasil.

Retomando Pinheiro e Verztman (2003), vivemos no tempo do *presente*, da realização imediata do desejo; do invólucro mais precioso que o conteúdo, do corpo que se recusa a envelhecer. A exigência narcísica imposta pela sociedade de consumo resulta em formas de sofrimento contemporâneo que se atrelam ao corpo e apontam para o homem enquanto “ser de fronteira”. O médico e psicanalista Jurandir Freire Costa afirma:

O corpo da publicidade, entretanto, não se dirige diretamente a nenhum de nós ou considera as peculiaridades de

nossas histórias de vidas, ao provocar o nosso desejo de imitá-lo. A moda, em sua neutralidade moral e constante mudança, não nos acusa, nem elogia, apenas se considera um ideal que devemos perseguir, sem consideração pelas conseqüências físico-emocionais que venhamos a sofrer (Costa, 2004, p. 197).

O que Costa explica é que, na atualidade, formas ideais de ser são incentivadas com enfoque no corpo – tome-se como exemplo as modelos e os atletas. Não é de se surpreender que seja no mesmo corpo que muitas doenças de caráter parcial (impotência sexual; problemas cardíacos) ou predominantemente (anorexia, bulimia) psicológico se manifestem.

Birman (2001) afirma que vivemos em cultura do narcisismo, mas há, ao mesmo tempo, insuficiência do investimento narcísico no corpo. Na falta de investimento erótico em quantidades suficientes, é a pulsão de morte que prevalece, formando afecções somáticas. Ao mesmo tempo, o corpo é visto como refúgio definitivo do indivíduo, último foco de suas expectativas de reconhecimento e sucesso, entrando em cena a angústia.

Segundo Drawin (2003), pensadores que variam de Rousseau a Freud, ao criticarem algumas das ilusões modernas de progresso, apontam para os limites da ciência, pela qual não se é incapaz de lidar com nossa inquebrantável angústia. Além de encontrar escoamento pela via da somatização, a angústia é fonte de formas de sofrimento psíquico as mais variadas, inclusive diante da passagem irreversível do tempo, que enferruja nossas ilusões. Diante disso, surge uma tendência à maximização da juventude e à preservação do corpo além do possível:

E é nessa perspectiva que se multiplicam as estratégias defensivas: das cirurgias plásticas às academias de ginástica, da cosmetologia às drogas

¹¹ Poderíamos remeter a muitos conceitos fundamentais para se compreender o corpo em psicanálise, mas os que consideramos mais pertinentes nessa discussão são os seguintes: *Eu e narcisismo*. Sobre o eu, a referência obrigatória é Freud, S. *The Ego and the Id*. (Trad. J. Rivière) Em: S. Freud. *The Major Works of Sigmund Freud* (p. 697-717). Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1978 (coleção Great Books, 54). (Trabalho original publicado em 1923). Sobre o narcisismo, a leitura canônica é Freud, Sigmund. *On Narcissism*. (C. M. Baines, Trad.). Em: S. Freud. *The Major Works of Sigmund Freud* (p. 399-411). Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1978c. (coleção Great Books, 54). (Trabalho original publicado em 1914).

miraculosas, das dietas mágicas às terapias alternativas. Disseminam-se as fórmulas – biológicas e psicológicas – que se pretendem rápidas e eficazes no socorro aos indivíduos existencialmente empobrecidos, filhos de uma época que também padece de uma inusitada pobreza simbólica. Quando tais estratégias positivas fracassam – o que sempre ocorre, pois trava-se uma batalha de antemão perdida – outras fórmulas nos são oferecidas, não mais para nos manter no sonho juvenil da onipotência, mas para remediar nossas dores, pânicos e depressões (Drawin, 2003, p. 135-136).

A ideia da pobreza simbólica é corroborada por Carvalho (2004), que defende haver uma falha na simbolização nas “psicopatologias contemporâneas”. Desse modo, o recalçamento e sua substituições simbólicas supostamente não operam nesses casos, prevalecendo a clivagem e a cisão. O *narcisismo* exerce importante papel nessa conjuntura, em que a *subjetivação* cede espaço à *somatização* e à preocupação com a *imagem corporal*.

Feitas essas considerações, devemos atentar para o seguinte: a questão somática não constitui a única via encontrada pelas patologias ditas “contemporâneas”, e o que pretendemos, a seguir, é levar em conta outros fatores, como a questão da dificuldade representacional/simbólica.

Escuta psicanalítica na “pós-modernidade”

De acordo com Jean-Pierre Lebrun (2001), há traços característicos dos novos quadros clínicos: erosão das estruturas clínicas clássicas; recuo das indicações clássicas da cura psicanalítica das neuroses; relação íntima com o modo de vida na sociedade contemporânea. O psicanalista francês soma a esses atributos os riscos dos estados-limites: dificuldades identificatórias secundárias; pobreza de elaboração imaginária; carências de regulação pulsional. Tais fatores, para o

autor são desenvolvidos e encorajados no meio atual; o qual deveria, ao contrário, fornecer referências identificatórias; encorajar e fornecer segurança contra o transbordamento pulsional.

A partir do nosso dispositivo social, para Lebrun (2001), uma nova clínica surgirá, possivelmente com ênfase no corpo – como no caso da anorexia – caracterizada por uma relação com o sexo – e da bulimia¹². Uma tese importante de Lebrun: *as novas patologias se ligam à postura de não assumir a castração e as consequências do fato de se falar*.

O filósofo e professor Dany-Robert Dufour (2003), estudioso não só de filosofia, mas também de psicanálise, observa, por sua vez, a multiplicação das passagens ao ato e dos pacientes *borderline*. Há transformações culturais em jogo que têm afetado o mundo – principalmente os países desenvolvidos, para o autor – entre as quais: dificuldades de socialização e de subjetivação; toxicomania; passagens ao ato; depressão; síndrome de pânico; delinquência crescente entre os jovens.

Como dissemos na sessão sobre a modernidade, Figueiredo (2003) aponta para a importância do *trauma*. A clivagem ou *cisão* é um modo de lidar com o intolerável, com o ambivalente, assim como o recalçamento. A diferença, para o autor, é que o recalque exclui a representação e o afeto (os componentes básicos da pulsão) da consciência, ao passo que cisão atua em porções da realidade objetiva e também da subjetividade, como tentativa de se evitar o conflito psíquico.

O trauma é, em suma, anterior ao conflito psíquico – o que acarreta na cisão

¹² Um caso clínico bem pertinente a essa discussão é o retratado pelo professor Ribeiro, Paulo de C. (2004). *Patologias da contemporaneidade e conflito sexual: “não há tratamento social do recalçamento”*. Em: M. R. Cardoso (org.). *Limites* (p. 107-114). São Paulo: Escuta; especialmente p. 109-111. O psicanalista defende que a sexualidade humana está em jogo na clínica, independentemente da sociedade ser sexualmente liberal ou não.

preceder o recalque, sendo mais arcaica, uma vez que o recalque pressupõe a cisão e a dissociação do aparelho anímico. Figueiredo (2003) defende que há elementos esquizóides mesmo nos indivíduos mais “normais”. Trata-se de elementos que não foram elaborados pela via intersubjetiva.

Schwarzman (2004) aponta três direções defensivas contra o trauma: repetição compulsiva para expelir o pulsional (jogos, etc.); baixa geral da atividade psíquica; como na depressão e na normopatía; ruptura de recursos do aparelho psíquico, como no caso das somatizações.

Defende o enfoque na pulsão de morte e no princípio de constância/inércia para se pensar as novas psicopatologias. A autora lista brevemente essas modalidades de sofrimento psíquico: *psicossomatização*; *síndrome de pânico*; *transtornos alimentares*, como a *obesidade*, a *bulimia* e a *anorexia*; as *toxicomanias* e as *depressões*, as quais geralmente acompanham outras patologias e são queixa central de muitos clientes.

Schwartzman (1999; 2004) explica que o aparelho psíquico é movido pela pulsão – o representante psíquico dos estímulos orgânicos, exigência psíquica para se agir. A comparação freudiana (1915/1978a) do aparelho psíquico a uma vesícula viva que sofre de pressões do interior e desenvolve uma camada protetora externa é pertinente nesse caso: a melhor defesa interior consiste na conversão de energia móvel em energia ligada (tarefa de *Eros* e do princípio de prazer). Diante de todos esses problemas mencionados, uma questão nos é lançada: o que os psicanalistas farão diante desses quadros?

Novas abordagens: o modelo da melancolia e o “segundo tempo”

De acordo com a Carvalho (2004), há um primeiro período da elaboração

freudiana, no qual as neuroses eram o cerne das preocupações teóricas e as psicoses começavam a ser investigadas. Freud não tentou tratar das psicoses, mas dialogou com quem tentava (como Eugen Bleuler e Carl Jung). Atualmente, há muitos desafios ao modelo convencional de investigação psicanalítica – o modelo freudiano de estudo das neuroses (e enriquecido para a compreensão das psicoses).

Nosso intuito é mostrar duas alternativas ao modelo freudiano das neuroses – as quais, embora distintas desse paradigma, não se afastam da metapsicologia freudiana: o “modelo da melancolia”, de Teresa Pinheiro e Julio Verztman (2003); e o “segundo tempo da investigação psicopatológica psicanalítica”, de Riva Schwartzman (2004).

Para a psicanálise, segundo Pinheiro e Verztman (2003), é impossível abrir mão de elementos fundamentais da teoria psicanalítica, como a fantasia histórica; a identificação por traços; o Eu como precipitado de identificações; o recalque; as instâncias ideais e o Supereu. Dizem os autores que a histeria consiste em *patologia nervosa* que prevaleceu no fim do séc. XIX e foi alvo de observações freudianas. A partir desses estudos, Freud investigou fenômenos psíquicos e generalizou alguns destes para melhor compreender o funcionamento do aparelho psíquico. O **modelo da histeria**, desse modo, é base para os postulados metapsicológicos de Freud.

Entre os desafios ao modelo clássico freudiano de investigação das psicopatologias estão os casos-limite ou *borderline*, a *psicossomatização*, as *toxicomanias*, os *distúrbios alimentares*, entre outros já referidos acima. Tais pacientes, segundo os autores, não acatam facilmente ao método psicanalítico de *livre associação*, não produzem sintomas (ou seja, não temos aqui a “formação de compromisso” neurótica):

As patologias narcísicas, de maneira geral, apresentam-se como desafio a esse modelo. A melancolia, os “casos limites”, as “personalidades narcísicas”, os grandes somatizadores, os drogadictos, as bulimias, as anorexias, são organizações difíceis de enquadrar nesse paradigma teórico, sob o ponto de vista tanto conceitual quanto de manejo clínico (Pinheiro; Verztman, 2003, p. 78).

Diante desse impasse, os dois autores propõem o **modelo narcísico melancólico**; no qual se enfatiza uma noção específica de sofrimento corporal e de corpo. Há sobressalência de formas distintas de somatização (temporalidade, identificação, etc.). Ambos mostram como o modelo da *melancolia* é adequado para essas novas patologias e se relaciona à sociedade de consumo e de imagens descartáveis.

Na **melancolia**, afirmam Pinheiro e Verztman (2003), há uma relação especial com o *tempo*. É como se só houvesse o presente, não havendo referência ao passado e nem perspectiva de futuro. É como que impossível se representar em tempo futuro, em função de uma *imagem fixa* na identificação narcísica. Apaga-se o peculiar; o ambíguo; o polissêmico (diferentemente da fantasia histórica). Curiosamente, é uma relação com o tempo a-histórica, análoga – guardadas as devidas diferenças – com uma proposta teórica dos “pós-modernos”. Uma atitude “anti-moderna” carrega consigo uma crítica à modernidade – e, portanto, a uma época e a uma sociedade com a qual se está descontente.

Há destaque, tanto na melancolia quanto no lúpus erimatoso sistêmico – investigado em campo por Pinheiro e Verztman (2003) –, para o papel do corpo, ao qual se ligam a sensação de vazio e de não-existência; estranhamento na relação *consigo* e com o *corpo*; percepção de ser apartada¹³ do mundo e depressão recorrente. As diferenças: ausência de

culpa melancólica e de sintomas psicóticos (salvo raros delírios) nas lúpicas.

Para Schwartzman (1999; 2004), por sua vez, a metapsicologia Freudiana das psicopatologias apresenta *dois momentos*. No *primeiro*, a neurose e a psicose são enfatizadas, bem como a incidência do recalque sobre as pulsões. A autora pretende avançar nesse campo, também a partir do observado na prática clínica contemporânea. O enfoque no *segundo momento*, para a autora, deve ser no ponto de vista *econômico* e na pulsão. A autora expõe que há muitas patologias diferentes na atualidade e critica as tentativas de redução sintomática por meio das classificações sindrômicas.

Endossamos seu ponto de vista, pois essas taxonomias, caso sejam usadas cegamente (ou “surdamente”, uma vez que sonegam a escuta), negligenciam a subjetividade do ser falante que apresenta seu sofrimento diante de um outro ser dotado de fala. A psicanálise busca o contrário: captar os traços *gerais do mal-estar contemporâneo* a partir da singularidade da escuta.

As novas patologias, para Schwartzman (2004), produzem *transtornos e não sintomas*. Nos *transtornos*, o destino pulsional é aquém da representação, o que coincide com a exacerbação das alterações físicas, decorrentes, em parte, do extravasamento acelerado da pulsão. Já nos *sintomas*, o desejo é realizado parcialmente pela *solução de compromisso* – portanto, é simbolizado e representado. O desejo infantil sexual é recalçado e retorna à consciência (solução de compromisso). Sem representação, o aparelho psíquico é desprovido da postergação da satisfação – o que se retrata na urgência das compulsões nos vícios. A “Economia do Trauma” é diferente da “Economia do Conflito” das neuroses.

No *segundo tempo* da psicopatologia psicanalítica, proposto por Schwartzman (2004), o enfoque deve ser

¹³ Todas as participantes estudadas na pesquisa de campo eram mulheres.

dado na segunda metapsicologia das pulsões e na pulsão de morte. Nas palavras da psicanalista: “Em lugar do conceito de recalçamento, é o contraste entre *energia ligada* e *energia livremente móvel* e o conceito de *Pulsão* que ocupam o papel de referente central. (...) Nos transtornos, o crucial não é o conflito topográfico, mas uma perturbação energética” (Schwartzman 1999, p. 173 [grifos da autora]). E ainda:

A definição de um segundo tempo da psicopatologia psicanalítica leva necessariamente à adesão à segunda teoria das pulsões propostas por Freud, entendendo-se que a vida psíquica é regida pelo confronto entre as pulsões de vida e de morte. Em outras palavras, as ‘novas patologias’ são marcadas pela presença mais identificável da pulsão de morte do que aquelas do primeiro tempo. [...] estas construções subjetivas são mais frágeis que as construções neuróticas e psicóticas, se se tomar como critério de comparação o montante de recursos de representação à disposição do aparelho psíquico: sendo mais pobres esses recursos, a prevalência da pulsão de morte nelas é mais acentuada (Schwartzman, 2004, p. 142).

Creemos que essas propostas são bem-vindas e necessárias. Bem-vindas porque auxiliam na clínica. Necessárias porque garantem o caráter científico da psicanálise, mostrando que ela é um corpo teórico em construção, e não um projeto pronto e acabado. A partir desses modelos – que não se excluem e podem se auxiliar mutuamente – somados ao que foi discutido nas sessões anteriores, pretendemos arriscar uma conclusão, de modo a articular os temas aduzidos.

Conclusão: metapsicologia, clínica contemporânea e um convite para reflexão mais ampla

O grau de complexidade do panorama psicossocial brevemente

discutido no presente trabalho é de um lado, fator que torna sua análise mais difícil. De outro lado, no entanto, é um filão de possibilidades teóricas, uma vez superados tais obstáculos. A metapsicologia consiste num campo de especulação teórica cujo desenvolvimento repercute na clínica ao mesmo tempo em que sofre os efeitos da *práxis* psicanalítica¹⁴. Desde Freud, as mudanças nos tempos acarretaram modificações na teoria freudiana – basta que lembremos que Freud radicalizou sua visão sobre a pulsão, em parte, devido à primeira guerra mundial.

Aqueles que adotam a psicanálise – tanto enquanto prática clínica quanto na condição de pesquisa teórica – encontram um desafio com as “subjetividades contemporâneas” e com as “psicopatologias da contemporaneidade”: os recursos conceituais antigos não funcionam como antes, tenta-se encaixotar as noções clássicas em novos objetos. Os praticantes e estudiosos da psicanálise devem, desse modo, estar abertos às novas perspectivas teóricas que surgem em decorrências das novas formas de mal-estar na cultura sem, no entanto, abandonar os pressupostos fundamentais da metapsicologia freudiana – como o caráter errante da pulsão e a irreducibilidade do psiquismo à consciência, por exemplo.

Drawin (1997) aponta que, ao mesmo tempo em que é importante acompanhar as mudanças culturais e teóricas em andamento, não é prudente ceder ao relativismo “pós-moderno” e nem abandonar a intenção de cientificidade e o programa metapsicológico de Freud. Ou seja, observar o que está acontecendo no mundo atual é uma coisa, já ceder ao

¹⁴ A respeito dessa problemática, recomendo o magistral trabalho de Drawin, Carlos (1994). O Saber Padecente: sobre a Problemática da Cultura na Teoria Freudiana. *Reverso – Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais*, v. 38, 74-93.

clima intelectual de uma época (aliás, talvez nesse caso nem seja mais um clima intelectual presente, dado que esse relativismo “pós-moderno” foi mais forte na segunda metade do século XX e no começo do XXI, hoje estamos numa espécie de transição da qual ainda não é seguro afirmar muita coisa) é outra. Com foco no corpo, nas “novas patologias”, no modelo da melancolia e no segundo tempo da psicopatologia psicanalítica, podemos buscar novos olhares e novas formas de escutar o sofrimento psíquico, tão ligado à crise identitária de nosso tempo. Isso remete a Cardoso (2004):

Toda essa nova reflexão sobre o mundo subjetivo implica necessariamente – e, mais fortemente agora, nesse segundo modelo, nitidamente ancorado no *outro* – uma dimensão relativa à cultura, vindo, uma vez mais, suscitar uma problematização do papel da alteridade na vida psíquica, dos limites entre subjetividade e cultura (Cardoso, 2004, p. 8).

Ao mesmo tempo, esses novos desafios à psicanálise apontam para uma dimensão ética da prática terapêutica psicanalítica: a escuta na “pós-modernidade” é um convite a reconhecer o outro em seu sofrimento e a reconhecermos a nossa finitude, da qual nosso corpo a desfiar é a prova mais cabal, e não ao engrandecimento de si e à preocupação narcísica com a autopromoção a todo custo, em detrimento do convívio com a alteridade num mundo mais digno. Reconhecer nossa finitude é um convite da experiência psicanalítica – reconhecer que o eu não é onipotente e que nem todos os desejos podem ser realizados – ao contrário do que Hollywood e as

propagandas tantas vezes podem nos iludir a crer.

Também é muito importante percebermos que a psicanálise, sozinha, é incapaz de dar conta da complexidade dos tempos atuais – não é sem motivo que grande parte dos psicanalistas abordados nesse artigo fazem menção a sociólogos e filósofos. Ela pode fornecer um olhar diferenciado, mas sua concepção de ser humano é limitada ao psiquismo, é uma antropologia “setorial”, assim como as ciências sociais o são. Daí a importância da reflexão filosófica sobre o tema. Poderíamos dizer que a filosofia, nesse caso, fornece-nos a “forma” de proceder uma reflexão sobre o tema, e também os critérios, já a psicanálise e as ciências sociais nos fornecem o “conteúdo”, ou seja, sobre o que vai se refletir com o referencial filosófico. Essa é a forma mais correta de proceder, senão cai-se em reducionismos, tal como se observa em meios psicanalíticos, tomando conceitos psicanalíticos como chave de leitura para obras de autores anteriores à psicanálise, de forma muitas vezes arbitrária. O diálogo seria mais fecundo, desde que uma postura mais aberta a se analisar o texto, e não a pessoa que o escreveu, fosse adotada – de modo a se evitar interpretações do tipo “a ética de Kant é um sadismo recalcado”.. Mais importante que tentar diagnosticar filósofos ou de proceder com uma “filosofia selvagem”, ou uma “sociologia selvagem”, é refletir com auxílio de um referencial teórico mais abrangente, o que faz com que a psicanálise não fique isolada e com que a filosofia continue exercendo seu papel de crítica e de interlocutora, sem se isolar também. ■

Referências bibliográficas

- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 2003).
- _____. *Modernidade líquida*. (P. Dentzien, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (2001). (Trabalho original publicado em 2000).
- Birman, J. (2003). Soberania, crueldade e servidão: mal-estar, subjetividade e projetos identitários na modernidade. Em: T. Pinheiro (org.). *Psicanálise e formas de subjetivação contemporâneas*. Rio de Janeiro: Contra Capa. p. 11-26.
- _____. (2001). Subjetividades contemporâneas. *Psychê*, 7, ano V, p. 151-159.
- Cardoso, M. R. (2004). Apresentação. Em: M. R. Cardoso (org.). *Limites*. São Paulo: Escuta, p.7-11.
- Carvalho, M. T. M. (2004). Sobre o alcance e os limites do recalçamento nas chamadas “psicopatologias da contemporaneidade”. Em: M. R. Cardoso (org.). *Limites*. São Paulo: Escuta, p. 151-165.
- Costa, J. F. (2004). A personalidade somática de nosso tempo. Em: J. F. Costa. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, p. 185-202.
- Drawin, C. R. (2003). A sabedoria do Tempo. Em: M. D. de Moura (org.). *Psicanálise e Hospital – 3: Tempo e Morte. Da urgência ao ato analítico*. Rio de Janeiro: Revinter, p. 127-140.
- _____. (1994). O Saber Padecente: sobre a Problemática da Cultura na Teoria Freudiana. *Reverso – Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais*, 38, p. 74-93.
- _____. (1997). Sobre a crise pós-moderna da psicanálise. *Reverso – Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais*, 42, p. 49-58.
- Dufour, Dany-Robert. (2005). *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. (S. R. Felgueiras, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud. (Trabalho original publicado em 2003).
- Figueiredo, L. C. (2003). Modernidade, trauma e dissociação: a questão do sentido hoje. Em: L. C. Figueiredo. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea* (pp. 11-40). São Paulo: Escuta, p. 11-40.
- Freud, S. (1978a). Instincts and their Vicissitudes. (C. M. Baines, Trad.). Em: S. Freud. *The Major Works of Sigmund Freud*. Chicago: Encyclopaedia Britannica, p. 412-421. (Coleção Great Books, 54). (Trabalho original publicado em 1915).
- _____. (1978b). On Narcissism. (C. M. Baines, Trad.) Em: S. Freud. *The Major Works of Sigmund Freud*. Chicago: Encyclopaedia Britannica, p. 399-411. (Coleção Great Books, 54). (Trabalho original publicado em 1914).

- _____. (1978c). The Ego and the Id. (J. Rivière, Trad.) Em: S. Freud. *The Major Works of Sigmund Freud*. Chicago: Encyclopaedia Britannica, p. 697-717. (Coleção Great Books, 54). (Trabalho original publicado em 1923).
- Giddens, A. (1990). *Consecuencias de la modernidad*. (A. L. Ramón, Trad.) Madrid: Alianza.
- Harvey, D. (2008). *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. (A. U. Sobral, & M. E. Gonçalves, Trans.) 17. Ed. São Paulo: Loyola. (Trabalho original publicado em 1989).
- Herrero, F. J. (1999). Desafios éticos do mundo contemporâneo. Síntese – *Revista de Filosofia*, 26(84), 5-11.
- Kumar, K. (2006). *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. (Ruy Jungmann, Trad.). 2. ed. ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1995).
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. (E. Pavaneli, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1979).
- Lebrun, Jean-Pierre. (2004). *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. (S. R. Felgueiras, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud. (Trabalho original publicado em 2001).
- Pinheiro, T., & Verztman, J. (2003). As novas subjetividades, a melancolia e as doenças auto-imunes. Em: T. Pinheiro (orgs.). *Psicanálise e formas de subjetivação contemporâneas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 77-104.
- Renaut, A. (2000). *A era do indivíduo: contributo para uma história da subjectividade*. (M. R. B. Reis, Trad.). Lisboa: Instituto Piaget. (Trabalho original publicado em 1989).
- Ribeiro, P. C. (2004). Patologias da contemporaneidade e conflito sexual: “não há tratamento social do recalçamento”. Em: M. R. Cardoso (org.). *Limites*. São Paulo: Escuta, p. 107-114.
- Schwartzman, R. S. (2004). O conceito de recalçamento e a busca de uma nova metapsicologia para as novas patologias. Em: M. R. Cardoso (org.). *Limites*. São Paulo: Escuta, p. 129-150.
- _____. (1999). Psicopatologia e psicanálise: dois tempos. Em: V. V. A. A. *Psicanálise e Universidade: Temas Conexos*. Belo Horizonte: Passos, p. 169-177.

Recebido em: 01/01/2009

Revisado em: 02/10/2010

Aceito em: 28/09/2010

Sobre o autor:

ⁱ **Gabriel Almeida Assumpção** é estudante de Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais e Bolsista no PROBIC pela FAPEMIG, sob orientação do Professor Dr. Carlos Roberto Drawin. **E-mail:** kalosthanatos@yahoo.com



“Reitoria vista da FAFICH”, por Natália Tavares.